



HAL
open science

Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil

Delia Dutra

► **To cite this version:**

Delia Dutra. Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil. Anuario Americanista Europeo, 2013, 11, pp.93-108 Sección Tema central. halshs-00957393

HAL Id: halshs-00957393

<https://shs.hal.science/halshs-00957393>

Submitted on 10 Mar 2014

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Mulheres do *sul* também migram para o *sul*, paraguaias no Brasil

*Delia Dutra**

Resumen: *O presente texto analisa a experiência vivida por mulheres migrantes paraguaias residentes no Brasil. Toma-se como ponto de partida para a análise a perspectiva das próprias mulheres protagonistas do processo migratório. Busca-se identificar as dificuldades enfrentadas no âmbito familiar, na vida profissional, as possibilidades de acesso a serviços, as políticas migratórias existentes e as perspectivas de retorno. Trabalha-se com a premissa de a migração ser vista como uma alternativa para fugir a situações de pobreza e exclusão do mercado de trabalho no país de origem. A pesquisa aponta que as migrantes que se deslocam entre países da América do Sul também sofrem a problemática da segregação ocupacional.*

Abstract: Women from the *South* also migrate to the *South*: Paraguayan women in Brazil.

This article analyzes the experience of Paraguayan migrant women settled in Brazil. The perspective of the women themselves is the starting point for the analysis. It then seeks to identify the difficulties encountered within the family environment, the professional field, the access to services, the existing migratory policies and to understand the prospects of return to their home country. It is assumed that migration can be seen as an alternative to escape situations of poverty and exclusion on the labour market in their country of origin. The research indicates that migrant women moving between countries in South America, also suffer from the problem of occupational segregation.

Palabras clave: mulheres migrantes, paraguaias, Brasil, segregação ocupacional.

Keywords: migrants women, Paraguayans, Brazil, occupational segregation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma reflexão baseada em parte dos resultados de uma pesquisa que analisou as experiências vividas por mulheres migrantes paraguaias atualmente residentes no Brasil¹. Estamos perante uma análise de processos migratórios de mulheres que acontecem no marco de dois países da América do Sul: o Paraguai e o Brasil. Ou seja, um fluxo de migração sul-sul no qual podem ser identificadas algumas tendências apontadas por pesquisas sobre fluxos

* Pesquisadora do CSEM, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, Brasília, Brasil, deliadutra@gmail.com

¹ Essa reflexão faz parte de um processo de pesquisa mais amplo no qual, além deste grupo de paraguaias no Brasil, estudaram-se outros cinco coletivos de mulheres migrantes residentes em cinco países: Colombianas no Equador, brasileiras nos Estados Unidos, haitianas na República Dominicana, filipinas na Itália e nicaraguenses na Costa Rica. A pesquisa foi realizada e financiada pelo CSEM (Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios).

de mulheres imigrantes originárias do hemisfério sul e residentes em países do hemisfério norte².

Toma-se como ponto de partida para a análise a perspectiva das próprias mulheres protagonistas do processo migratório, um total de 20 paraguaias com idades que vão entre os 16 e os 50 anos. Busca-se identificar as dificuldades por elas enfrentadas no âmbito familiar, na vida profissional, as possibilidades de acesso a serviços, as políticas migratórias existentes e compreender quais as perspectivas de retorno ao país de origem.

Na definição do próprio objeto de estudo se adota um recorte por gênero, fato que demanda compreender:

(...) por um lado, o significado da construção social da feminidade, da masculinidade e a desigualdade que se produz entre os sexos e, por outro, o papel que jogam tais construções na decisão das mulheres de migrar assim como no status que a sociedade receptora lhes outorga (Roca i Girona 2009, 158).

Em diálogo com isso, seguimos a proposta de Nash (2012) quem defende o gênero como princípio que influi tanto na experiência do projeto migratório das mulheres quanto nas condicionantes que entram em jogo na hora de procurar emprego e/ou de serem recrutadas para algumas tarefas e não outras. Evidentemente que existem especificidades em tais condicionantes segundo o país de residência e segundo a origem social e étnica das migrantes.

A análise da informação recolhida se faz tanto desde uma perspectiva quantitativa como qualitativa. Para conhecer a interpretação que as migrantes fazem sobre as dificuldades durante a experiência de migração e sobre como essas vão se transformando, construímos um questionário³ de forma a podermos utilizar o mesmo instrumento de recolhimento de informação nos cinco países em que foi realizada a pesquisa. Formularam-se perguntas abertas (82%) e perguntas fechadas (18%) sobre a família, o trabalho, o acesso a serviços, as políticas migratórias e as possibilidades de retorno. As respostas foram registradas por pesquisadores responsáveis pela aplicação dos questionários de forma individual e sem a presença de terceiras pessoas.

A relevância de centrar nossa reflexão sobre um grupo de paraguaias no Brasil passa pelo fato de que atualmente do total dos emigrantes paraguaios no mundo, 55% são mulheres menores de 25 anos⁴. Significa dizer, que não somente esse país está 'exportando' mão-de-obra feminina, com todas as implicações sociais e familiares que tal fenômeno acarreta, como também se trata de mulheres muito

² Tal o caso, por exemplo, da pesquisa levada adiante pela socióloga espanhola Sònia Parella Rubio publicada no livro intitulado *Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación*, (Barcelona: Anthropos, 2003).

³ Os dados foram recolhidos através de um questionário aplicado durante o mês de julho de 2012 nos seis países onde foi realizada a pesquisa. No caso específico das paraguaias, todas são residentes na Estado de São Paulo, Brasil.

⁴ Cf.: <http://www.csem.org.br/csem/noticias/1244-paraguay-el-55-de-las-personas-que-migraron-en-los-ultimos-5-anos-son-mujeres-jovenes>, acesso 10 mayo, 2013.

jovens que, provavelmente, terão maiores chances de refazer suas vidas em outros países e não retornar para suas origens.

O texto se organiza apresentando primeiro o contexto atual da migração internacional feminina no intuito de explicitar que tipo de fluxo migratório está sendo problematizado, pois assumimos a existência de outros perfis de mulheres migrantes inclusive nesse contexto de migração sul → sul. Um segundo momento dedicado a ilustrar, brevemente, o contexto de migratório do Paraguai como país emissor de migrantes, assim como uma primeira caracterização do universo da investigação através das variáveis: idade, tempo (em anos) de residência no Brasil, escolaridade e ocupação. Finalmente, desenvolve-se a análise de parte dos dados colhidos durante a fase de pesquisa de campo junto às mulheres migrantes.

MIGRAÇÃO FEMININA INTERNACIONAL: AS SINGULARIDADES QUE MARCAM

Trabalho, desemprego, condições de precariedade, falta de reconhecimento, necessidade de capacitação, discriminação retributiva, segregação ocupacional, vulnerabilidade e violência, são algumas das vivências que caracterizam a situação de mulheres de determinadas origens sociais em todas partes do mundo e que, para algumas, representa o motor que as impulsiona a se embarcar no projeto de migração internacional como alternativa para outra forma de vida.

De acordo com a OIM⁵ a migração laboral no século XXI, se destaca como um dos assuntos principais na agenda política de muitos países sejam esses países de origem, trânsito ou de destino de migrantes. Três fatores se identificam como essenciais para explicar esse fenômeno: *primeiro*, as mudanças demográficas e as necessidades do mercado de trabalho em muitos países industrializados; *segundo*, a pressão da população, o desemprego e as crises internacionais que atualmente afetam tanto países industrializados quanto os menos desenvolvidos; *terceiro*, a formação de redes entre países baseadas na família, cultura e história.

Para avançar especificamente na caracterização das mulheres estudadas, podem-se acrescentar outros fatores como: a expansão da rede de contatos das migrantes, a necessidade de aumentar e diversificar a renda da família, uma cultura de migração, já que “quanto mais habitual se torna a migração numa determinada comunidade [de origem e de destino], mais mudam os valores e as percepções culturais, de tal maneira que aumenta a probabilidade de futuras migrações” (Sánchez Barricarte 2010, 54). E mais ainda, existem fatores notadamente femininos, no sentido que são mais característicos da mulher do que do homem migrante –se bem que alguns homens possam também sofrê-los–. Tal o caso de: a pobreza e a falta de oportunidades, a violência e opressão para com a mulher dentro do próprio núcleo familiar e comunitário, assim como a vontade de se emancipar e realizar sonhos.

Todos esses fazem com que algumas mulheres deixem suas comunidades de origem, suas famílias e vínculos afetivos para descobrir e participar de novas formas

⁵ Organização Internacional para as Migrações, acesso 20 fevereiro, 2013, http://www.mte.gov.br/rel_internacionais/migracao.asp.

de vida que lhes permitam abrir outras portas tanto para elas quanto para suas famílias, independente que isso acabe acontecendo ou não.

Dessa forma, elas desenham novas rotas de vida buscando dar respostas às necessidades do dia-a-dia. Necessidades que dizem respeito não só à escassez material que impede uma alimentação saudável e vestimenta e moradia digna, como também referem à falta de acesso à educação formal para os filhos e para elas próprias, falta de acesso ao mercado de trabalho formal, ou inclusive o informal, e falta de acesso aos serviços públicos tais como saúde e transporte.

A necessidade de dar sustento à família é uma forte motivação para a migração em geral e para a migração feminina em particular. As mulheres migrantes são os principais agentes ativos no envio de remessas aos seus países de origem, acompanhando a crescente tendência de aumento do número das famílias monoparentais e do que se denomina de feminização da pobreza.

Tais elementos condicionam a qualidade de vida dessas mulheres e suas famílias limitando seriamente qualquer chance de mobilidade social e reproduzindo modelos de vida em sociedades altamente estratificadas. Assume-se, então, que a existência de discriminação para com a mulher trabalhadora migrante induz fenômenos como o da segregação ocupacional, o subemprego e instabilidade e econômica dela e do núcleo familiar.

Parella (2003, 2005) é contundente na sua análise sobre o lugar de vulnerabilidade que ocupam as mulheres migrantes na sociedade receptora, produto da exploração e discriminação no mercado de trabalho. A autora define a vulnerabilidade como a brecha existente entre padrões de vida de um coletivo com relação a outro –por exemplo, o das mulheres migrantes e o das mulheres autóctones–. O entrecruzamento das condições de classe, gênero e étnica, condena ao coletivo de mulheres migrantes trabalhadoras a uma situação de vulnerabilidade social acentuada pela concentração delas no mercado de trabalho informal e, conseqüentemente, pelo acesso desigual a recursos materiais e à documentação que lhes permita desempenhar seus trabalhos em situação regular.

Retomando a segregação ocupacional como uma evidência da discriminação sofrida pelas trabalhadoras migrantes, Nash (2012, 316) sustenta que a “mercantilização das tarefas domésticas e de cuidado” é um fenômeno que pode ser caracterizado como global desde finais do século XX e cada vez mais associado às migrantes, as “recém chegadas”⁶, muitas delas convertidas em “mães substitutivas da infância global” (2012, 316), fenômenos que para essa autora renova o já conhecido debate de traspasso de funções domésticas sempre e unicamente entre mulheres.

São elas, mulheres autóctones e mulheres migrantes, que por meio de uma compaginação entre vida profissional e vida familiar garantem a reprodução e avanço da sociedade.

⁶ O sentido dado à expressão “recém chegadas” vai além do tempo que as mulheres possam ter residindo na sociedade de acolhida. Refere à ênfase dada à condição de serem de “fora”, à marca de não pertencer.

A mulher imigrante é percebida como força de trabalho idónea para realizar o trabalho doméstico remunerado, sendo que se trata de uma atividade socialmente pouco valorada, etiquetada como “suja” e escassamente qualificada, assumida como algo inerente à condição feminina e a miúde realizada desde a economia informal (Parella Rubio 2005, 98-99)⁷.

Para Ávila (2009) o trabalho doméstico é considerado uma atribuição das mulheres, fato que segundo a autora demanda uma redefinição do próprio conceito de trabalho e o institui como uma questão sociológica. Com base nessas reflexões, cabe reforçar a ideia de que as condições muito precárias de trabalho e a situação de vulnerabilidade em que muitas das trabalhadoras migrantes se encontram trazem implicações não somente para a vida delas como, notadamente, para o núcleo familiar do qual são responsáveis, gerando mudanças na estrutura social, com enormes repercussões, da comunidade local de origem e de destino.

Tais situações se manifestam em fenômenos como o da mobilidade indesejada da mulher, afetando a estrutura familiar de matriz patriarcal (Dutra 2013, 106). Estamos referindo à lógica patriarcal que perpassa a instituição família, assim como outros âmbitos da sociedade. Tal lógica pode ser explicada como a manifestação e institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres e crianças (Lerner *apud* Fontela 2007)⁸.

O PARAGUAI EMIGRANTE

Os primeiros fluxos de emigração significativa que começa a experimentar o Paraguai se iniciam após o fim da guerra da Tríplice Aliança, no ano 1870, e continuaram perpetuando-se sistematicamente até nossos dias, ou seja, durante os últimos 140 anos.

Estima-se que até 2010, 12% da população do país (777.000 paraguaios aproximadamente) havia emigrado e isso ocorre, pois.

La anarquía, la inestabilidad política, las guerras civiles y una larga dictadura fuertemente represiva, vigentes durante gran parte del siglo XX, se suman como decisivos factores expulsivos de población (...) la población emigrada mantiene una significativa situación de vulnerabilidad por las malas condiciones salariales y sociales de su inserción laboral y por la fuerte primacía de la condición de residencia irregular de la mayor parte de la misma (OIM 2011, 6).

Os principais destinos são alguns países da região, tal o caso do Brasil e da Argentina, assim como os Estados Unidos e países da Europa. Mais especificamente, o Brasil fica em terceiro lugar como destino escolhido pelos emigrantes, com menos

⁷ Tradução nossa do original em espanhol.

⁸ Fontela (2007) define o patriarcado como “sistema de relações sociais sexopolíticas baseadas em diferentes instituições públicas e privadas e na solidariedade interclasses e intragênero instaurada pelos homens, que enquanto grupo social e em forma individual e coletiva oprimem às mulheres também em forma individual e coletiva, e se apropriam de sua força produtiva e reprodutiva, de seus corpos e seus produtos, seja com meios pacíficos ou por meio da violência” (Fontela 2007, 258). Tradução nossa do original em espanhol.

de 10% da migração paraguaia, perdendo para Argentina (primeiro lugar com 69%) e a Espanha (segundo lugar com 23%)⁹.

Uma pesquisa recentemente publicada¹⁰ sustenta que 55% das pessoas que emigraram nos últimos 5 anos do Paraguai são mulheres jovens, e acrescenta:

la emigración paraguaya de los últimos cinco años está representada por una *mujer joven y proveniente del área rural*, hecho que puede generar un gran impacto en la organización de las familias, pues generalmente son ellas las que se encargan del cuidado de los integrantes del hogar, debido a las escasas políticas de protección social. Otro dato importante es que 134.000 hogares, el 8% del total de los 1.615.309 hogares paraguayos, tiene a alguien residiendo en el exterior, y dicha salida se produjo en los últimos cinco años. En estos últimos 5 años, 180.000 connacionales salieron del Paraguay, lo que representa casi el 3% de la población paraguaya al 2011. De estas, 180.000 personas, el 55% son mujeres menores de 25 años. Un 62% son del área urbana y un 57% del área rural¹¹ (destaques nossos).

Podemos observar uma confirmação dessa tendência do perfil etário das jovens mulheres paraguaias que emigram, destacado na pesquisa acima mencionada, e as migrantes participantes da nossa investigação, na qual há uma maior concentração de mulheres (60%) com idades entre os 16 e 25 anos.

No que diz respeito ao tempo que levam morando no Brasil, se trata de uma variável que demonstra que estamos perante um fluxo migratório mais recente: 70% das migrantes têm menos de três anos de residência no país. Ao questionar sobre o nível de escolarização responderam que: uma tinha completado curso superior, três declararam ter curso superior incompleto, cinco ter educação média completa, quatro educação média incompleta, cinco ter ensino fundamental completo e só 2 com ensino fundamental incompleto. Tais dados podem ser analisados de forma gráfica, no item 5 “O trabalho”, onde se desenvolve uma reflexão levando em conta quatro variáveis: ocupação anterior e atual, idade e escolaridade.

Concluídas essas instâncias de contextualização e caracterização do universo investigado, desenvolvemos a seguir uma análise de parte dos dados colhidos durante a fase de pesquisa de campo com base nos eixos temáticos acima mencionados. Cabe esclarecer que, quando se apresentam resultados correspondentes a um grupo inferior a 20 migrantes, o motivo se deve tanto a que houve algum caso omissão de respostas respeito da informação solicitada ou a que algumas das migrantes não se encaixa no tipo de situação analisada (ex. quadro 1).

⁹ Disponível em <http://www.csem.org.br/csem/noticias/1244-paraguay-el-55-de-las-personas-que-migraron-en-los-ultimos-5-anos-son-mujeres-jovenes>, acesso 20 maio, 2013.

¹⁰ Da pesquisadora Claudina Zavattiero, intitulada *En Paraguay se exporta carne, soja y jóvenes; peculiaridades de la migración internacional y tendencias recientes (2009-2011)*, acesso 20 maio, 2013, <http://www.csem.org.br/csem/noticias/1244-paraguay-el-55-de-las-personas-que-migraron-en-los-ultimos-5-anos-son-mujeres-jovenes>.

¹¹ Ibid.

A FAMÍLIA

Para analisar a categoria família as migrantes foram indagadas sobre com quem estão morando no presente, com quem migraram e como está formada a família que ficou no país de origem.

Se levarmos em conta o lugar que tradicionalmente tem sido atribuído à mulher de cuidar dos outros, notadamente, dos filhos/as e, conseqüentemente, da justaposição da identidade mãe-migrante em muitas delas, cabe salientar o fato de que somente uma das 20 migrantes está morando com filho no Brasil – trata-se de uma mulher de 50 anos de idade que tinha migrado com vários filhos, porém quase todos retornaram para o Paraguai e só um quis ficar junto com ela no Brasil.

No entanto, ao serem questionadas sobre como está formada a família que ficou no país de origem, cinco migrantes declararam ter deixado filhos, inclusive uma delas com 30 anos de idade declara ter deixado cinco filhos. As outras migrantes mencionam pais, irmãos, porém nenhuma menciona ter deixado marido. Destaca-se também que 50% delas moram no Brasil com seus cônjuges, todas com idades entre 19 e 29 anos. Fato que dialoga com o mencionado anteriormente do perfil jovem da mulher paraguaia que atualmente está migrando e o quanto isso dificulta as chances de retorno pelas possibilidades de elas afiançarem suas vidas afetivas fora do país.

Sobre a situação em que migraram – se estavam acompanhadas por familiares, amigos ou desacompanhadas, três migrantes declaram ter migrado sozinhas e só uma não conhecia ninguém no Brasil (nem sequer tinha parentes já estabelecidos). Outras três mencionaram ter migrado junto aos cônjuges e as demais com outros integrantes da família.

Esse primeiro mapa da situação familiar nos permite avançar e indagar sobre quais seriam os desejos delas com relação à situação familiar e, para isso, perguntamos sobre a quem elas gostariam de ter trazido junto no momento da saída do país, mas que não puderam fazê-lo.

Das 20 migrantes, 50% declaram que teriam sim gostado de trazer alguém da família (duas delas as filhas, outras pais e irmãos), porém a outra metade prefere mesmo migrar sozinha já que:

“tudo aqui é difícil, é só mesmo para trabalhar que eu vim” (de 23 anos)

“eu vim para tentar a vida” (24 anos)

“não porque vim para trabalhar” (26 anos)

“porque não estou estável” (30 anos)

“porque no Brasil o trabalho é muito duro” (24 anos)

“porque eles [familiares] estão bem” (29 anos)

Das que manifestam o desejo de ter trazido integrantes de família, explicam que as principais dificuldades para fazê-lo se referem a: *moradia*, salientando a necessidade de mais espaço e melhores condições; *trabalho*, pela falta de estabilidade e garantias; *documentação* e a falta de tempo para correr atrás de todo o que é solicitado; e finalmente a necessidade de dispor de *dinheiro* para poder financiar tais deslocamentos.

Algumas migrantes parecem sentir que não haveria muitas alternativas, para além de trabalhar duro para um dia juntar dinheiro e começar a planejar a vinda de algum familiar. Outras de fato declaram não ter chances já que praticamente tudo o que conseguem como produto dos seus trabalhos no Brasil, elas precisam enviar para sustentar a família no Paraguai.

O TRABALHO

A totalidade das migrantes paraguaias contatadas e estabelecidas em São Paulo está trabalhando. Para compreender como o processo migratório pode afetar o percurso ocupacional-profissional das migrantes, construímos o quadro 1 apresentando a ocupação presente e a que possuíam antes de migrar. Isso relacionado com a idade e, notadamente, a escolaridade nos permite avançar na reflexão em vários sentidos.

OCUPAÇÃO		Idade	Escolaridade
Anterior	Atual		
Estudante	Confecção	23	fundamental incompleto
Estudante	Babá	16	fundamental incompleto
Vendedora	Vendedora	30	fundamental completo
Trabalho no campo	Vendedora	27	fundamental completo
Trabalhadora doméstica	Vendedora	25	fundamental completo
Trabalhadora doméstica	Confecção	23	fundamental completo
Gráfica	Comércio	26	fundamental completo
Estudante	Vendedora	18	médio incompleto
Confecção	Confecção	50	médio incompleto
Babá	Vendedora	28	médio incompleto
Estudante	Confecção	28	médio completo
Cuidava de idoso	Contabilidade	26	médio completo
Gabinete de Politico	Confecção	24	médio completo
Estudante	Comércio	19	médio completo
Dona de casa	Vendedora	24	médio completo
Estudante	Confecção	24	superior incompleto
Estudante	Confecção	25	superior incompleto
Estudante	Vendedora	29	superior completo

Quadro 1. Ocupação, idade e escolaridade das migrantes paraguaias em São Paulo

Observe-se que nenhuma delas está estudando no Brasil. Há o caso de oito delas que no Paraguai eram estudantes, não trabalhavam, e dessas só uma completou os estudos superiores antes de migrar. As demais interromperam seus estudos, inclusive tendo baixos níveis de escolaridade. Significa dizer que, até o momento a migração não tem sido uma via de acesso a oportunidades para essas mulheres se

qualificarem e, conseqüentemente, ter a chance de melhorar não só no trabalho como também em outros âmbitos da vida pessoal.

Ao analisarmos as diversas ocupações, tanto antes da migração quanto depois, independentemente da faixa etária, podemos sustentar que existe uma identidade profissional feminina para todas as migrantes que participaram da pesquisa. Isto é, profissões culturalmente consideradas como tarefas ‘típicas’ atribuídas à mulher no contexto da divisão internacional e sexual do trabalho.

A divisão sexual do trabalho é um fenômeno que pode ser observado de forma muito clara na alta concentração das mulheres nas tarefas consideradas de reprodução no âmbito doméstico e em determinados postos de trabalho. Trata-se de um conceito que faz referência a formas de inserção diferenciada de homens e mulheres na divisão do trabalho existente, tanto nos espaços de reprodução quanto nos de produção social (Ginés *apud* Dutra 2013, 211).

As migrantes desempenham tarefas que dizem respeito, por exemplo, a cuidar dos outros (babá, cuidado de idoso), tarefas associadas ao espaço “reprodutivo” (dona de casa, trabalhadora doméstica), e tarefas que, apesar de localizadas no que se considera espaço “produtivo”, detêm um marca fortemente feminina (vendedora, confecção).

Nesse sentido, cabe nessa instância nos determos para esclarecer que foi com o advento da Revolução Industrial que o tempo começou a reorganizar-se em função da atividade econômica e, foi desde então, que emergiu com mais força a separação entre o que correntemente se considera “espaços reprodutivos”, aqueles que tradicionalmente foram reservados às mulheres, e “espaços produtivos”, os reservados aos homens (Vaghi *apud* Dutra 2013, 184).

A dimensão econômico-financeira não dá conta, por si só, de explicar e permitir-nos compreender a complexidade do processo migratório, das vivências e implicações que esse fenômeno detém para a vida de uma migrante. Contudo, é evidente que esta tem um peso muito grande na hora de tomar a decisão de migrar, de retornar ou não retornar, de aceitar trabalhar em determinadas condições ou de se separar dos filhos.

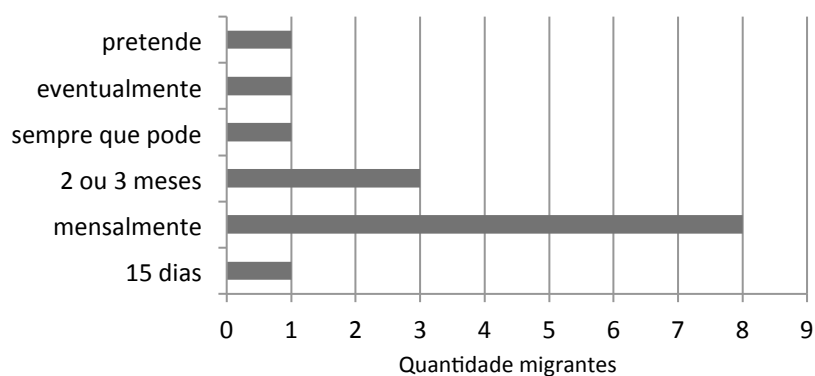
Foi nesse sentido que consideramos muito significativo indagar sobre as condições dos salários e dos dias e horas trabalhadas na semana, assim como saber se são elas as únicas provedoras no núcleo familiar (tanto no Brasil – caso tiverem família, quanto no Paraguai) ou compartilham o sustento da família com mais alguém e se costumam enviar dinheiro para familiares no país de origem.

Para isso, foi formulada uma pergunta aberta: *O salário é suficiente para se sustentar?* 25% das migrantes entendem que seu salário “não é suficiente” e outro 25% dizem que sim é “suficiente”. 15% manifestam que o salário somente alcança “para viver, não para poupar” e só uma das migrantes do grupo reconhece que seu salário é bom.

No que refere aos dias da semana trabalhados, mais da metade declara trabalhar seis dias na semana, duas trabalham os sete dias da semana e quatro trabalham cinco dias na semana. Apesar de elas estarem empregadas as possibilidades de se sustentar no Brasil e ainda enviar dinheiro aos seus familiares no Paraguai se vê comprometida: “Enviava a cada dois meses, mas, agora não envio mais, não estou

conseguindo, meu salário é pouco” (migrante de 50 anos, com filhos no Paraguai e no Brasil).

Gráfico 1. Frequência envio dinheiro para familiares no país de origem



Fonte: Elaboração própria.

Para podermos compreender como as migrantes se sentem no contexto do trabalho, indagamos se elas sofrem discriminação e se têm o desejo de mudar de emprego. Interessa-nos avançar na compreensão sobre como elas vivem o fato de serem mulheres e migrantes trabalhadoras em um país onde, por exemplo, é preciso falar outra língua e, portanto, já de início há uma forte marca nas diversas instâncias de interação: a dificuldade de mudar de língua¹², ou ao menos o sotaque do hispano-falante.

Do grupo das vinte migrantes paraguaias seis admitiram sentir-se discriminadas e declararam:

“bastante, porque o brasileiro não acha bom e não gosta quando falamos em nossa língua” (18 anos).

“sim, por ser estrangeira, pela língua, por não ter documentos, porque falo de política e porque no Paraguai tem corrupção, pirataria e drogas” (24 anos).

“sim, por ser estrangeira” (28 anos).

“sim, porque não entendo muito bem a língua” (28 anos).

Doze das migrantes do grupo declararam não se sentir discriminadas, no entanto, algumas delas salientam isso como algo excepcional: “sempre teve muita sorte, nunca fui magoadá”, “o patrão trata mal às vezes”, “só atendo pessoas que são boas e o meu chefe é brasileiro”, “tratam bem, meu patrão é brasileiro”. Outras, que também não se sentem discriminadas, destacam o fato de trabalhar para estrangeiros: “tranquila, graças a Deus, os coreanos me respeitam”, “trabalho com chineses, eles são bem educados”, “meu patrão é chinês e me respeita”.

¹² A problemática da adaptação com a *língua* novamente foi mencionada quando indagamos sobre as dificuldades na hora de procurar emprego, assim como também a falta de experiência.

Quando questionadas sobre o desejo de mudar de emprego, a metade delas declara não querer e as outras dizem que sim, gostariam. Os motivos mencionados por aquelas que sim gostariam fazê-lo são: salário baixo, exploração, trabalho em situação irregular, condições precárias e o desejo de trabalhar por conta própria. Esse último, merece nossa atenção porque, apesar das dificuldades pelas quais as migrantes passam e a precariedade dos salários, tem alguém que sonha com um dia chegar a ser empreendedora e, portanto, parece estar disposta a superar as dificuldades e se arriscar.

Já aquelas que *não* desejam mudar de emprego parecem estar conformadas e não querer se arriscar, porque já se acostumaram ou são bem tratadas, sentimentos muito presentes não só nas migrantes como na classe trabalhadora em geral que vive em contextos de instabilidade política e falta de emprego –lembrando que elas provêm de um país, o Paraguai, atualmente muito afetado na sua economia e que acaba de passar por uma crise política de notoriedade pública internacional¹³.

ACESSO A SERVIÇOS E POLÍTICAS MIGRATÓRIAS

Ao definirmos o *acesso a serviços* como categoria de análise, buscamos indagar sobre a situação de moradia, atendimento em serviços de saúde e estratégias de resistência perante as adversidades.

Seis das 20 migrantes paraguayas responderam *não* ter dificuldades com a moradia, sendo que uma delas explica isso pelo fato de morar no local de trabalho. O alto custo do aluguel desponta como a maior dificuldade; além do mais, isso é apontado como um impedimento para poder poupar dinheiro. Existem situações muito diversas pelas quais passam essas migrantes. Algumas manifestam não ter problema com moradia, porém, outras se encontram em situações poder-se-ia dizer limites. Vejamos o depoimento feito por uma migrante de 28 anos: “*O espaço é muito apertado (...) o aluguel é caro, o governo deveria ajudar. Moramos quatro famílias (...)*”.

O que consideram que poderia ajudá-las a melhorar a situação de moradia?, foi a pergunta feita àquelas que manifestaram sofrer dificuldades. Somente quatro responderam e uma delas manifestou não saber onde buscar ajuda. Podemos observar nisso uma marca de forte isolamento na vida dessa migrante, assim como naquelas que não souberam responder, pois não consegue mencionar um elemento ou uma instituição onde ela considere possível solicitar ajuda. Até podemos inferir certa resignação perante todas as dificuldades que passa.

Em caso de sofrer algum problema de saúde, só a metade declara que recorre aos serviços de um hospital e que em geral são bem atendidas, apesar de que possa haver demora no atendimento. Já a outra metade nunca foi num hospital. Algumas explicam que ainda não precisaram desse serviço e outras que preferem comprar remédio e se cuidar em casa. Uma migrante só reclamou da dificuldade em se

¹³ Cf.: *El declive de la economía paraguaya, uno de los retos del presidente Franco*, acesso: 13 setembro, 2012, <http://www.finanzas.com/noticias/economia/20120623/declive-economia-paraguaya-retos-1428679.html>. *Hacia dónde va la economía paraguaya*, acesso: 13 setembro, 2012, <http://america.infobae.com/notas/53237-Hacia-dnde-va-la-economia-paraguaya>.

comunicar por conta da língua tanto no hospital quanto na hora de comprar remédios, pois “têm outros nomes”.

Buscou-se também indagar sobre quais as dificuldades que experimentam as paraguaias ao tentar regularizar a documentação para morar no Brasil, salientando que existe o direito atualmente a fazê-lo, pois, o Paraguai integra o Mercosul. Apesar disso do total de 20 migrantes, são 15 em situação irregular de documentação e só 5 com documentos de residência no Brasil.

Sobre as dificuldades com que as migrantes se deparam para solicitar a documentação salientamos a falta de dinheiro, de tempo e de informação. Três delas declaram ainda não ter tentado e uma diz que não o fará já que o marido tentou e não lhe foi outorgada a documentação. Duas migrantes aderiram à anistia¹⁴ e assim obtiveram a residência; lembrando aqui que no ano 2009, o governo brasileiro realizou uma Anistia para os estrangeiros em situação irregular¹⁵.

Uma das migrantes diz que não pretende solicitar a documentação, pois “aqui é tranquilo morar como paraguaia”, resposta que podemos relacioná-la à falta de informação, já que pode estar desconhecendo que os benefícios de possuir documentos vão além da existência ou não do risco de ser deportada. No Brasil, ela poderia ter acesso à “carteira assinada” (trabalho formal), por exemplo, tal como menciona outra migrante.

A falta de informação e de se sentirem sozinhas para fazer o processo é algo recorrente nas respostas: “fui até a Polícia Federal, mas não compreendi o quê preciso” expressa uma migrante de 27 anos que declarou ter curso superior incompleto; “acho que não sei como fazer” declara outra de 26 anos, com ensino fundamental completo.

Algumas buscam alternativas, tal o caso da migrante que diz estar em processo de obter a documentação e que “tem um paraguaio que ajuda com isso”, ou daquela que por falta de dinheiro precisou usar o pouco que tinha poupado para enviar para o Paraguai.

Para encerrar o diálogo com as migrantes foram levantadas duas questões visando animá-las a refletir e expressar sobre suas impressões dessa experiência de migrante no Brasil. O quadro 2 apresenta as respostas à primeira pergunta.

Das vinte migrantes, a quase totalidade (85%) respondeu que pretende retornar para o Paraguai – segunda questão levantada. No que tange aos motivos por elas mencionados para o retorno, observamos que o item família desponta como o principal motivo assim como a necessidade de juntar dinheiro como causa muito importante para ter migrado. Outras razões dadas referem ao estresse vivido pela exigência e intensidade do trabalho e as condições precárias de moradia, assim como à sensação de “ter menos liberdade”.

¹⁴ A Regularização que permite ao estrangeiro em situação de clandestinidade ou em indocumentados requerer residência provisória com isenção das penalidades decorrentes de sua situação de estada irregular no País. No Brasil, a partir da Lei 6815/80, já se efetivaram regularizações de estrangeiros em quatro oportunidades - em 1981, em 1988, em 1998 e em 2009 (Milesi e Andrade *apud* Dutra, 2013).

¹⁵ De acordo com Milesi e Andrade (*apud* Dutra, 2013) foram anistiados 4135 paraguaios num total de 45000.

NÃO VENHA:	
experiência muito difícil	4
precisa ser forte, muita saudade	1
não quero que passem por isso	1
vir se estiver na miséria, se tiver emprego não vir	3
só o trabalho é bom aqui, o resto melhor o Paraguai	1
só para visitar é lindo, para viver é difícil	1
não recomenda: comida cara e problemas moradia	1
difícil arrumar emprego	2
se tiver alguém aqui sim, senão é difícil	1
Total	15
SIM VENHA:	
sim, ajudaria a quem quiser vir	3
sim, aqui tem trabalho	2
Total	5

Quadro 2. O que você diria a quem quer deixar sua terra hoje e migrar?

Migrar para trabalhar e enviar dinheiro se torna cada vez mais uma ação feminina e não exclusiva aos homens migrantes como se costumava pensar; isso devido às chances que as mulheres têm de se empregar em tarefas consideradas mais ‘adequadas’ para elas (trabalho doméstico, serviço de cuidados, confecção, vendas, etc.). Este fenômeno da divisão sexual e internacional do trabalho (Hirata 2009; Hirata e Kergoat 2007; Ávila 2009) abre as portas do mercado de trabalho feminino para além das fronteiras do país de origem das migrantes, apesar de que os planos de mobilidade social inicialmente pensados possam não se concretizar.

Observe-se, por exemplo, que houve o caso de duas migrantes que não pretendem retornar e uma que ainda não sabe. Os motivos que dão é a falta de oportunidades no país de origem e a dificuldade de ter que “começar tudo de novo e acho que não consigo” – isso apesar de tratar-se de uma migrante de só 24 anos, e porque “no Paraguai quase não tem nada, não tem como trabalhar” (26 anos).

CONCLUSÃO

Para compreender a experiência vivida por um grupo de mulheres migrantes paraguayas atualmente residentes no Brasil adotou-se como eixo central para a análise os depoimentos das próprias mulheres protagonistas do processo migratório. Foi feito um levantamento junto às migrantes que buscou identificar as dificuldades por elas enfrentadas no que diz respeito ao âmbito familiar, à vida profissional, às possibilidades de acesso aos serviços, às políticas migratórias existentes, assim como compreender quais as perspectivas de retorno ao país de origem.

A pesquisa permite compreender que problemas como a segregação ocupacional, a discriminação, a precariedade nas condições de trabalho, a dificuldade de acesso a

serviços públicos, assim como todo tipo de obstáculos que se apresentam para ter acesso à documentação necessária para residir legalmente em um país como imigrantes, são vivências que não somente se apresentam para as mulheres migrantes originárias de países do hemisfério sul que se dirigem para países do hemisfério norte.

Pode até resultar um paradoxo que situações semelhantes às vividas, por exemplo, por migrantes latino-americanas na Espanha, em outros países da Europa, ou nos Estados Unidos, aconteçam entre países vizinhos, o Paraguai e o Brasil, ambos os países do continente sul-americano.

No entanto, a complexidade da migração internacional enquanto fenômeno único –no sentido de não fragmentar em *imigração* e *emigração* (Sayad 2010)– se faz presente estabelecendo trocas socioculturais e econômicas também entre países do hemisfério sul. Daí a relevância das palavras de Sayad (2010) quando propõe que “a ciência e não a política, e inclusive a ciência contra o empenho da política” (Sayad 2010, 19), deve se esforçar em tecer novamente os fios e recompor o quebra cabeça desse fenômeno que tem sido desmontado em pedaços muito mais pelas elites políticas internacionais do que pelas próprias disciplinas científicas.

Esse tipo de situações analisadas em nossa pesquisa nos estimula a refletir sobre as desigualdades e sobre as brechas que separam grupos sociais pertencentes a países do mesmo continente e, inclusive, grupos sociais pertencentes ao mesmo país. Observe-se que estamos perante um fluxo migratório originário de um país, o Paraguai, cuja economia além de ser menor é menos industrializada que aquela do país de destino, o Brasil. Dois países cujas diferenças não passam tão somente pela dimensão do desenvolvimento econômico, como também por diferenças linguísticas e culturais que, correntemente, mais afastam do que aproximam.

Trata-se de dois países com dificuldades reais no que refere à distribuição da renda, assim como também com processos históricos de desenvolvimento industrial e político muito diferentes que fazem com que a consolidação democrática e as oportunidades de trabalho para seus cidadãos também encontre mais diferenças do que semelhanças.

Podem também serem acrescentadas conclusões mais específicas ao caso estudado. Em primeiro lugar, destacamos a alta concentração na faixa etária compreendida entre os 16 e os 25 anos. Fato que dialoga com o mencionado anteriormente do perfil jovem da mulher paraguaia que atualmente está migrando (55% do total de emigrantes paraguaios são mulheres jovens) e o quanto isso dificulta as chances de retorno pelas possibilidades de elas afixarem suas vidas afetivas fora do país. Além disso, a pesquisa mostra o sentimento de falta alternativa para além de trabalhar duro no dia-a-dia; inclusive, algumas declaram não haver chances já que praticamente tudo o que conseguem como produto dos seus trabalhos no Brasil, elas precisam enviar para sustentar a família no Paraguai.

Por outro lado, se identifica a existência de uma forte identidade profissional feminina, pelo fato de todas estarem desempenhando tarefas histórica e culturalmente atribuídas à mulher de origem humilde. Elemento que nos leva a concluir que a experiência migratória não propicia mudanças significativas na vida profissional das migrantes e, portanto, não lhes permite usufruir dos benefícios da

mobilidade social. Ou seja, a migração, neste caso estudado, segue a tendência apontada por outras pesquisas sobre migração feminina internacional.

Tal situação se vê acentuada na vida daquelas mulheres que não tiveram acesso a um bom nível de educação formal, justamente devido à falta de perspectivas de melhoras. Observe-se que nenhuma das migrantes está estudando no Brasil. Há o caso de oito delas que no Paraguai eram estudantes, não trabalhavam, e dessas só uma completou os estudos superiores antes de migrar. As demais interromperam seus estudos, inclusive tendo baixos níveis de escolaridade.

Finalmente, reforçamos o fato de que a esse cenário em que vivem as migrantes, com dificuldades de elas próprias conseguirem gerar as mudanças significativas sonhadas antes da migração, 30% delas são mães, e dessas *todas* são mães à distância, com filhos deixados no país de origem. Fenômeno que demanda refletir sobre as implicações envolvidas quando se dá uma superposição de fatores que configuram a identidade de mulher, migrante e mãe.

Dentre tais implicações, podemos citar o desejo permanente das migrantes de concretizar um dia o sonho do retorno ao país de origem: 85% manifestou seu desejo de retornar. Os motivos por elas citados são diversos, mas, a família desponta como o principal. Independentemente que se chegue ou não um dia a efetivar o projeto de retornar, existe sempre o sentimento de estar entre dois mundos, entre dois lugares, entre duas formas de vida. As migrantes, trabalhadoras e algumas também mães, lutam por se 'encaixar' de alguma forma na nova sociedade de acolhida, tentando até por momentos esquecer, sem que isso signifique perder a capacidade de lembrar, sonhar para se projetar.

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. 2009. *Divisão Sexual do Trabalho e Trabalho Doméstico*. Recife: SOS Corpo e Instituto Feminista para a Democracia.

DUTRA, Delia. 2013. *Migração internacional e trabalho doméstico. Mulheres peruanas em Brasília*. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM.

FONTELA, Marta Amanda. 2007. "Patriarcado". Em *Diccionario de estudios de género y feminismos*, editado por Susana Beatriz Gamba, 256-258. Buenos Aires: Biblos.

HIRATA, Helena. 2009. "A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho". *Sociologias* (21):24-41.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. 2007. "Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho". *Cadernos de Pesquisa* 37 (132):595-609.

Nash, Mary. 2012. *Mujeres en el Mundo. Historias, retos y movimientos*. Madrid: Alianza Editorial.

OIM. 2011. *Perfil Migratorio de Paraguay*. Acesso junho, 2012. <http://www.iom.int>.

Parella Rubio, Sonia. 2005. "Segregación laboral y 'vulnerabilidad social' de la mujer inmigrante a partir de la interacción entre clase social, género y etnia". Em *El uso de las políticas sociales por las mujeres inmigrantes*, editado por Lluís Flaquer y Carlota Solé, 97-136. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Instituto de la Mujer.

---. 2003. *Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación*. Barcelona: Anthropos.

Roca i Girona, Jordi. 2009. "Reproducir la reproducción: mujeres migrantes y economía informal". Em *Economía informal y perspectiva de género en contextos de trabajo*, editado por Anastasia Téllez Infante e Javier Eloy Martínez Guirao, 153-168. Barcelona: Icaria.

Sánchez-Barricarte, Jesús Javier. 2010. *Socioeconomía de las Migraciones en un Mundo Globalizado*. Madrid: Biblioteca Nueva.

SAYAD, Abdelmalek. 2010. *La doble ausencia. De las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado*. Rubí, Barcelona: Anthropos.